Entrevista
BOAVENTURA SOUSA SANTOS

O PS disse-lhe que ele criou *fake news*, mas ele não se ofende. Foi visitar Lula à prisão, ainda acha que Hugo Chávez foi um democrata e que a Venezuela estaria bem – se não fosse a interferência americana.

Por **Maria Henrique Espada** (textos) e **Marisa Cardoso** (fotos)

"Boaventura não rima com ditadura"

A defesa da Venezuela tornou-o polémico, mas as perguntas difíceis sobre o tema não o incomodam: "Já começo a estar habituado ao seu estilo, mas não estou a desgostar."

Em Abril escreveu numa carta: "Querido Presidente Lula, que magia é a sua para ser hoje o garante da democracia brasileira, o símbolo da esperança de milhões de brasileiros que gritam o seu nome?" É quase uma declaração de amor. Cria esta relação com políticos que admira?

Não. Eu fui muito crítico de Lula quando ele era Presidente.

Mas agora não.

Hoje não, porque acho que ele foi vítima de um erro judiciário, que não é um erro, foi propositado. Como sabe eu tenho dupla formação, jurídica e sociológica, e esse processo conheço em detalhe. Esta minha afectividade, que é genuína, é também a expressão da minha raiva, de alguma maneira, perante um erro judiciário contra ele. O sistema político em muitos países tem uma situação de corrupção endémica. Agora, uma coisa é isso, outra é provar que alguém recebeu um apartamento em benefício próprio. Não foi o caso. E é necessário que a pessoa só vá para a prisão depois de a condenação ser definitiva.

Dirige o Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, passa metade do ano nos EUA, na universidade de Wisconsin-Madison, e dá-se com académicos brasileiros. Em Portugal, tem sido criticado por ter defendido o regime venezuelano

"Estou convencido de que houve pressões americanas para a falta do PS numa sessão de apoio a Lula"

No Brasil não tem sido assim.

Não foi neste caso.

E não foi em vários outros. A partir da condenação em segunda instância cumpre-se pena. E noutras ordens jurídicas também.

Pode ser cumprida ou não. O Supremo Tribunal Federal entendeu que neste caso deve ser cumprida. Em princípio a lei diz que a condenação deve ser definitiva. No meu entender, e vários juristas internacionais têm-se manifestado nesse sentido, inclusive o Conselho de Direitos Humanos das Nações Unidas. E quem lê a sentença, vê que as provas não são provas judiciais.

Mesmo admitindo que assim fosse, a verdade é que ele tinha o usufruto do tríplex. Isso para si é ético?

Nunca lá esteve.

A mulher é que determinou os detalhes das obras.

Há muitos casos em Portugal.

Há um paralelo com José Sócrates? Que usa o mesmo argumento: o apartamento em Paris, as contas, não eram dele...

O processo está a correr, não sabemos... Não conheço em detalhe o processo. No caso do Presidente Lula, já discuti isto com uma pessoa muito influente na TV Globo que é um grande amigo meu: sem o golpe institucional a direita ganharia tranquilamente as eleições em 2018 e

não teríamos uma divisão do país como a que estamos a assistir, com uma degradação da democracia que em meu entender é perigosa.

Em Abril houve um encontro de apoio a Lula, organizado por si e por Pilar del Río, em que estiveram Catarina Martins, do BE, e Pablo Iglesias, do Podemos. O PS faltou. Na altura disse que teria havido pressões do Governo brasileiro e da embaixada americana. A secretária-geral adjunta do PS disse que isso era "falso", *fake news*. Portanto, chamou-lhe – com mais elegância – mentiroso.

Não tenho realmente a facilidade de me ligar a líderes partidários. Sou um homem de esquerda, nunca pertenci a nenhum partido, faço críticas a todos e de todos tenho recebido alguns mimos.

Portanto não ficou ofendido?

Não. Tínhamos também convidado o PSOE, que também não veio. Aliás o contacto não tinha sido feito por mim, mas pela Pilar del Río, se o PS também não veio, nós sabemos realmente... e não lhe posso dizer mais do que isto... Não é meu timbre ser mentiroso. Se me provarem que não houve nenhuma pressão...

Está convencido de que houve?

Sim, estou convencido disso. Há pressões, obviamente. Há uma grande pressão internacional e os EUA desenvolvem um grande papel na América Latina neste momento.

Numa entrevista recente ao Rede Brasil Atual disse: "Obviamente, o imperialismo americano é uma coisa muito diferente do imperialismo de antes, não é apenas a CIA ou os militares como a gente pensa, mas uma série de organizações, muitas vezes privadas financiadas pelos irmãos Koch. Estes são realmente os grandes potenciadores das políticas conservadoras nos EUA." E refere a Atlas Foundation, o instituto Millenium e o Instituto Mises. Acrescentou que a interferência externa levou à situação em que o Brasil se encontra. Ou seja, o imperialismo americano é culpado pela prisão de Lula? Isto não é uma teoria da conspiração, mas em grande?

Não. Eu sei que hoje é muito difícil

fazer este argumento da influência externa, mas continuo a fazê-lo, é a minha obrigação como sociólogo. Em muitas destas intervenções pretende-se pôr a democracia, ou os regimes, numa situação em que garantam o acesso aos recursos naturais. No Brasil o grande problema era o pré-sal. A primeira medida do governo Temer é abrir o pré-sal às concessões das empresas petrolíferas internacionais. Como na Venezuela, também, são as grandes reservas de petróleo. Se se ler com atenção os livros das pessoas que estiveram por trás desta política, o Philip Agee, da CIA, escreveu um que explica que "muda o presidente, mas a nossa política é, desde o início do século, acesso aos recursos naturais".

A CIA ainda tem então influência?

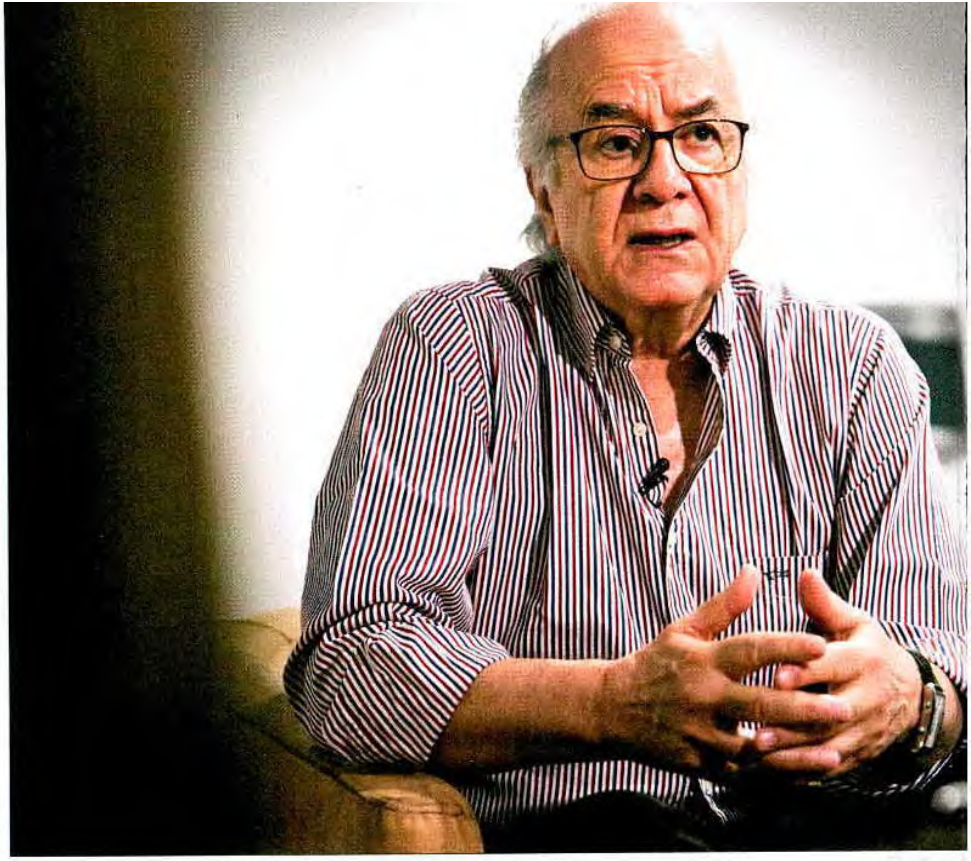
Tem, mas não a que tinha. Hoje a intervenção é muito mais diversa, porque os interesses são de empresas internacionais.

Esteve recentemente com Lula. Como é que surgiu a oportunidade para o encontro?

Por acaso antes encontrei-me com Martin Shultz, que foi o presidente do PE, que também o ia visitar. Fiz questão de mostrar a minha solidariedade pessoal para com alguém que eu penso estar a ser vítima de um erro judiciário. Não tem nada a ver com as minhas posições políticas. Aliás, se o Presidente Lula se candidatasse, não era o meu candidato. O meu candidato é um jovem, Guilherme Boulos, de 35 anos, com quem tenho vindo a trabalhar há muito tempo. Mas uma sociedade não deve virar-se contra o passado para construir o seu futuro. Lula é parte do passado do Brasil, de um passado muito digno e brilhante, mas com erros e com um modelo de desenvolvimento que não era sustentável.

Como é que encontrou Lula?

Foi uma experiência muito intensa. Primeiro porque estou num edifício há 11 anos inaugurado por ele como Presidente do Brasil, e agora está lá preso. Depois, sou conduzido por dois polícias federais até ao terceiro andar – eles têm todos formação superior – e um deles diz-me: "Professor, nós somos devoradores dos seus livros." Penso que o que ele me quis dizer é que a polícia federal não está toda de acordo com o que se está a passar, mas têm de cumprir ordens.



Em Fevereiro, sugeriu uma aliança entre BE e PCP

"No Fórum Social Mundial [Lula] chamou-me, gostava de conversar comigo, porque eu acompanho muito a situação internacional"

Já conhecia Lula?

Há muitos anos estive com ele no Fórum Social Mundial, ele chamou-me, gostava de conversar comigo, qual era a minha opinião, porque eu acompanho muito a situação internacional e brasileira, conversámos. E agora repetiu que quer provar a sua inocência, e que vai continuar a prová-la. E eu disse: "Presidente Lula, essas coisas são sempre difíceis, os casos mais importantes dos EUA nunca se esclareceram, quem matou este, quem matou aquele."

Nunca lhe surgiram dúvidas sobre o conhecimento de Lula de toda a corrupção que grassou à volta dele, durante décadas?

Claro que teve conhecimento.

E isso não o choca?

Choca. Fui muito crítico daqueles governos todos. Um governo de esquerda que vai ter de se ligar a um partido de direita que nunca ganhou eleições mas esteve sempre no poder é um convite ao desastre. A corrupção é endémica. E por isso defendia a solução portuguesa, aqui, por ser entre partidos de esquerda.

A corrupção é endémica, Lula conhecia-a, e defende-o. Há aqui uma contradição.

Não há nenhuma contradição. Corrupção endémica quer dizer que o sistema político está todo corrupto. Vamos analisar o FHC, todos...

Deveria provavelmente ser analisado, mas estamos a falar de Lula.

Está a confundir a corrupção e um caso judicial. A caixa 2 [saco azul eleitoral], toda a gente sabe que há, que é de todo o sistema político e todos os políticos deveriam estar na prisão. É uma promiscuidade enorme. Outra coisa é um caso judicial de apropriação própria.

Quando Chávez morreu disse que era uma perda para a democracia mundial. Ainda pensa isso?

Sim.

Chávez era um democrata?

Sim. Foi vítima de um golpe. Teve mais eleições do que qualquer outro período na América Latina e ganhou-as. Chamaríamos ditador a alguém que repete as eleições e não se fala da ditadura da Arábia Saudita e da da China, que não têm eleições?

Chávez era visto como um populista, tinha aliás aquele programa, não sei se viu, o *Alô Presidente*, na estação pública.

Não me agrada, vi alguns.

Acha que é algo próprio de uma democracia? Imaginemos que António Costa tinha um programa na RTP, em que ia perorar ao povo.

Mas não podemos fazer o juízo de que todos têm de ser europeus e

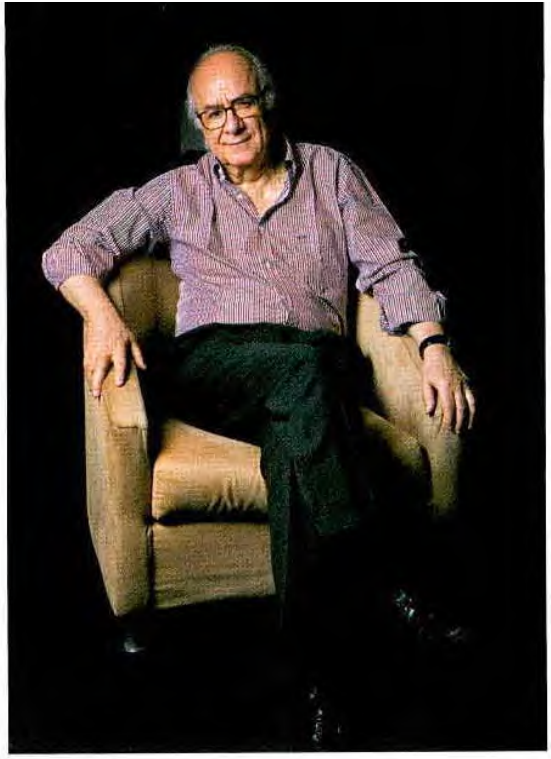
portar-se como europeus.
Então vamos ter critérios menos exigentes para as democracias sul-americanas?
Por amor de Deus, se tivéssemos um Presidente que condiciona a política diária no Twitter às 6h da manhã, certamente depois de ver a Fox News... É normal numa democracia?
Não, mas ele é amplamente criticado até na democracia americana. Critica Trump e parece-lhe aceitável o programa de Chávez?
Desculpe, tem distorcido ou não foi capaz de ler com boa fé os meus textos. Se ler os meus textos sobre a crise da Venezuela – claro, pode haver um jornalista de má-fé que diz que Boaventura rima com ditadura, na última página do *Público* [João Miguel Tavares] – mas é porque não lêem os meus textos, só lêem os que são polémicos para tentar insultar-me. Fui muito crítico, nunca me aproximei demasiado do Presidente Chávez, agora dizer que foi um ditador só porque foi um populista...
Mas não é só por isso. Quando morreu havia 13 presos políticos na Venezuela.
Acho que, como digo... a ideia de preso político, estamos a aplicá-la agora no Brasil. Em princípio nós, numa democracia, entendemos que não há presos políticos. Eu era crítico do Presidente Chávez e da sua política. Achei sempre o processo muito de cima para baixo, de distribuição de dinheiro, e não de geração de energias democráticas na base. Está nos meus textos, só que não é lido.
Posso não ter lido tudo, corrigir-me-á se assim for, mas nunca vi críticas suas ao facto de haver presos políticos no chavismo.
Também não sei de onde é que vem essa informação.
Da OEA (Organização dos Estados Americanos).
Bem, a OEA seria uma grande discussão entre nós os dois.
Também estão vendidos aos interesses americanos?
Pelo comportamento que tem tido nesta crise, não é de maneira nenhuma credível.
Mas ainda há pouco invocou a Comissão dos Direitos Humanos (CDH) da ONU, que se pronunciou de forma favorável a Lula, E estão lá a Arábia Saudita e a China...
Se pautar a sua opinião pela da embaixadora dos EUA na ONU, então a CDH é uma organização anti-Israel sem nenhuma credibilidade.
Não: foi o próprio Boaventura Sousa Santos que durante a entrevista criticou regimes como a Arábia Saudita e a China...
São membros da ONU...
E estão no CDH.
É evidente que estão, é uma decisão da ONU, eu tenho tentado privilegiar realmente todos os acordos multilaterais e estive contra a saída do acordo com o Irão, que é um acordo multilateral e não pode ser denunciado. A situação da Venezuela, que é dramática, deveria ser resolvida pelos venezuelanos, e não está a ser resolvida por eles devido ao embargo comercial dos Estado Unidos.
Acha que a maior quota-parte de responsabilidade é dessa interferência externa ou do regime?
É muito difícil fazer quantificações, mas dou-lhe um exemplo: a Venezuela exporta energia para a Colômbia. A Colômbia não pode pagar à Venezuela, os EUA não deixam, por causa do embargo. Qual é o país que se aguenta sem receber o dinheiro dos produtos que produz?
E não lhe passa pela cabeça que possa estar a subestimar a responsabilidade de Maduro?
Não subestimo. Acho que há erros locais fortes, o Maduro não é o Chávez. Nunca desculpo as autoridades locais, o que não aceito é que se pense que são só elas as culpadas porque os *media* internacionais não dão notícia do que se está a passar.
Queria só tentar perceber a que é que atribui maior peso.
É difícil, mas se quiser, para a nossa conversa, dizer que é 50% para cada lado, estou confortável com isso.
As opções do regime, quase 20 anos do mesmo partido, produziram esse resultado, não defenderam o país da *débâcle*. E ainda assim metade da culpa é dos EUA?
Sem intervenção externa, acredito nas virtualidades democráticas para mudar as coisas.
Tem criticado muito o sistema judicial brasileiro. Mas a partir de 2004 o regime de Chávez fez substituir centenas de juízes. Não lhe vi críticas a isto tão contundentes como às que agora faz ao Brasil.
Fiz críticas, claro... escrevo muitos livros mas não posso escrever tudo. Nos meus trabalhos de Sociologia do Direito, alguns não estão sequer disponíveis em português, o que tenho dito sempre é que sou contra essas intervenções, tanto essas como agora as da Polónia e da Hungria. Mesmo no Brasil, e eu estou numa reunião de juízes pela democracia, os juízes estão divididos acerca disto.
Voltou ao sistema brasileiro. Na Venezuela, segundo instâncias internacionais, há centenas de presos políticos. Pondera visitar algum?
Eu não tenho relações com... quer dizer, eu nunca tive a mesma intimidade com a política venezuelana que tenho tido com a política brasileira. Se a tivesse, certamente que os iria visitar. E não vou comentar esses dados, não sei de onde vêm.
São da OEA.
Tenho uma suspeita em relação as dados que vêm da OEA.
Já sei. Mas um preso político já é um a mais.
Se houver um, para mim é suficiente para condenar o sistema. E se tiver sido condenado de forma que me pareça viciada, sendo meu amigo obviamente que o iria visitar.

F *"A situação da Venezuela deveria ser resolvida pelos venezuelanos, e não está a ser devido ao embargo americano"*

F *"Pode haver um jornalista de má-fé que diz que Boaventura rima com ditadura, mas é porque não lêem os meus textos"*

F *"Eu nunca tive a mesma intimidade com a política venezuelana que tenho tido com a política brasileira"*

A maior parte deles nem tem processo formado ou acusação.
Não conheço o suficiente. Uns estão em Miami, outros na Colômbia, parte da oposição. O sistema...
O sistema acaba por reconhecê-lo de forma implícita, já que em Junho anunciaram a libertação de 40 presos políticos.
Não tem que me dizer isso como se eu defendesse isso, eu condeno isso. Isso é tão grave quanto o que foi publicado pelo *El País* e pelo *New York Times*, a semana passada, sobre negociações secretas entre os EUA e outros países, para a invasão da Venezuela. Porque é que isto não é notícia?
Foi notícia no *El País* e no *New York Times*...
Está bem. E não lho ocorreu perguntar, "não acha isso condenável"?
É condenável.
Gostei de a ouvir dizer isso.
Eu também gostava de ter ouvido dizer de forma taxativa que o que referi, sobre a Venezuela, é condenável.
Mas já disse.
No que tem escrito, não tem tido essa posição condenatória.
Eu não sou comentador político. Sou sociólogo, trato de muitos outros temas, e não posso estar sempre a escrever sobre tudo. Sempre tive uma distância crítica, mas sou contra a demonização e a polarização, de que as suas perguntas são reveladoras. Isso repugna-me porque eu não vejo só os puros de um lado e os bons do outro. Mesmo em Portugal muitas vezes a discussão passa pelo recurso ao insulto. Eu não respondo, mas os meus argumentos não são rebatidos com outros argumentos, normalmente é insulto. Como outra notícia da última página do *Público* que dizia "Boaventura e Marine Le Pen são irmãos desavindos".
Refere-se a João Miguel Tavares.
Não gosto de pronunciar nomes de quem não considero pessoas com quem se possa ter um diálogo.
Vou-lhe ler uma citação provocatória...
...eu já começo a estar habituado ao seu estilo, mas não estou a desgostar.
Ainda bem. Eu também não. A citação é do Mário Vargas Llosa, que politicamente tem posições diferentes das suas e que escreveu há um ano: "Não há precedentes na história da América Latina de um país em que a demagogia estatista e colectivista tenha destruído económica e socialmente como o que se passou na Venezuela." Na mesma altura, o dr. Boaventura também escreveu um artigo, a dizer que sem intervenção externa a situação ainda poderia ser resolvida. Passou um ano. Afinal ele tinha razão?
Eu estar de acordo com Vargas Llosa é realmente muito difícil, pelo que leio dele nos seus escritos políticos, embora o admire como romancista. Não me enganei nada, o que se passou foi que os factores que estão aí, sobretudo o endurecimento do embargo, foi maior. E depois há um círculo vicioso em que as forças locais têm um passado que vem desde os anos 20, de tanto sistema democrático que foi deposto para dar espaço à United Fruit Company, à Chiquita, há uma memória colectiva de muita intervenção no continente. Quando esta se torna mais notória, cria-se um sistema de defesa, que liquida a contradição interna, as pessoas unem-se contra o inimigo externo e deixam de discutir entre eles. Esta complexidade é que me interessa analisar. Se continuarem estes dois factores, a minha esperança de há um ano de que houvesse uma solução democrática é cada vez menor. E não porque o Vargas Llosa tenha razão.
Há algum regime hoje com que se identifique mais?
Evidentemente, o nosso, português. Ontem fui entrevistado aqui por um jornalista italiano que queria que eu ajudasse a explicar o milagre português. Quem só lê os jornais e revistas de Portugal pensa que está tudo errado e que está tudo mal. Internacionalmente a ideia é que o país está num momento dos seus melhores. E já que gosta muito de usar os dados internacionais, foi considerado uma das 10 democracias do mundo. Devemos estar orgulhosos.
No início do ano defendeu uma coligação diferente, entre o BE e o PCP. Não houve reacção. Teve algum *feedback* dos partidos?
Não. Felizmente mantenho uma grande distância em relação a todos eles, para poder dizer estas coisas. As democracias estão cada vez mais frágeis. Eu, como leio bem a história europeia, sei que nós nos anos 30 só unimos as esquerdas quando era demasiado tarde e os nazis já estavam no poder. Ao ver o que está a acontecer na extrema-direita na Europa de Leste, e no Norte, acho que era importante cada vez mais defender a democracia. Sectarismos não fazem muito sentido.
De que partido à esquerda se sente mais próximo?
Estou próximo dos três. Veja as minhas polémicas nos anos 90 com o dr. Álvaro Cunhal, porque aí fui demonizado, não era um João Miguel Tavares, era outro tipo de diálogo, mas era a mesma coisa. Se as pessoas lessem um bocadinho os 37 anos dos meus textos, perceberiam: este senhor, num tempo em que a gente ainda não andava por aqui, já tinha posições, e sempre apanhou pancada por ir contra a corrente.
Se o convidasse para um debate com João Miguel Tavares, que referiu várias vezes, aceitava?
Se o João Miguel Tavares discutisse ideias e se estiver suficientemente informado para discutir... Agora com gente que insulta de forma gratuita, não discuto. Boaventura não rima com ditadura, basta olhar para o meu trabalho. E o Boaventura não é um irmão desavindo da Marine Le Pen. Isso não se diz. E, se se diz, tem de se pedir desculpa. Se ele pedir desculpa, sim senhor.



Visitou Lula, que considera um preso político, mas não os presos políticos venezuelanos, e duvida dos números da OEA sobre estes

"Não conheço o suficiente [sobre os presos políticos venezuelanos]. Uns estão em Miami, outros na Colômbia..."

"Claro que [Lula] tinha conhecimento [do sistema de saco azul que financiava o PT]"